

Monumento a Baumgarten

Johann Gottfried Herder

Tradução¹ e notas de Oliver Tolle

Departamento de Filosofia/UFS

Chama a atenção o quanto as aparições mais extraordinárias dependem de causas externas, não só no reino dos espíritos mas também na república dos filósofos. As diferentes conjunturas e situações de vida fornecem à maneira de pensar as suas diversas direções, e é especialmente a tonalidade da instrução, por assim dizer, a primeira roupagem da jovem alma, que mais contribui para a forma com que ela posteriormente aparecerá para o mundo. Tudo isso é válido também para *Alexander Gottlieb Baumgarten*. A sua primeira educação esteve aos cuidados de um filólogo;² poderia ser ela favorável para outra coisa senão o latim e a poesia? E como chegou a eles sob os cuidados de um filólogo? Como não ver o latim e a poesia como florescências, frutos, mais como um brinquedo que um instrumento, mais como um doce sobre a língua que um alimento. Assim era o jovem Baumgarten, que todo dia se acreditava incompleto se não compusesse versos em latim, que podia digerir melhor o sermão de domingo se o forçasse a uma métrica latina e, por fim, diz o seu biógrafo,³ que tirava de sua educação em latim e filologia a “vantagem incomum de, na maturidade, poder proferir em latim o seu discurso de posse em Frankfurt”. De fato, uma vantagem incomum!

Os estudos acadêmicos de Baumgarten ocorreram numa época em que a filosofia de Wolff era considerada heresia na Alemanha⁴ – estímulo suficiente para uma mente nascida para a contemplação e que até

1 Tradução realizada a partir de: “Bruchstück von Baumgartens Denkmal”. In: *Johann Gottfried Herder: Werke in zehn Bänden: Band 1: Frühe Schriften 1764-1772*. Editado por Ulrich Gaier. Deutscher Klassiker Verlag: Bonn, 1985, p. 682-94.

2 Martin Christgau, preceptor de Baumgarten dos 8 aos 13 anos de vida [N. do T.].

3 Trata-se de Thomas Abbt (1738–1766), aluno de Baumgarten que redigiu a biografia *A vida e o caráter de Alexander Baumgarten* [*Alexander Baumgartens Leben und Charakter*] um ano depois da morte de seu mestre [N. do T.].

4 Christian Wolff (1679-1754), filósofo alemão, professor na Universidade de Halle, onde Baumgarten se formará e posteriormente lecionará. Continuador da “teoria da harmonia preestabelecida” de Leibniz, foi perseguido por pietistas e, por ordem do rei Frederico Guilherme I da Prússia, obrigado ao exílio entre os anos de 1723 e 1740 [N. do T.].

então tinha sido afastada dela pela teologia e pelos estudos filológicos. Baumgarten não se deixou impedir pela má reputação do nome – foi antes esse impedimento que o incitou; o seu gênio estava vivo e dessa maneira o filósofo se formou em meio aos escritos de Wolff.

Com a diferença apenas de que os traços de sua primeira formação deveriam agora se mesclar a esse novo aspecto de seu espírito. Do método que aprendeu no orfanato, ele conservou na mente apenas a forma tabelar, a que submeteu tudo; de seu tutor Christgau conservou ainda o estilo latino afetado, ao qual com tanto esforço procurou entremear flores, e também a inclinação para a poesia latina, aspecto que mais nos interessa aqui.

Um filósofo wolffiano e um poeta *christgauano* em uma só pessoa, sem dúvida uma aparição rara e extravagante naqueles tempos, quando não se acreditava haver nada mais contraditório do que gosto e contemplação filosófica, quando se filosofava sobre tudo que era conhecido e desconhecido, exceto sobre a beleza e a sensação da mesma. Foi naquela época que surgiu o filósofo que primeiro concebeu unir ambos – o que já se encontrava unido na formação de seu modo de pensar – e testou se a poesia⁵ wolffiana não se deixava aplicar também à arte da poesia.

Assim se produziram as suas *Considerações filosóficas sobre alguns elementos pertencentes à poesia*,⁶ um opúsculo acadêmico em que já se encontra todo o plano de sua metapoética, e que posso considerar *para mim mesmo* como aquele couro de boi com que pôde ser delimitado o perímetro inteiro da cidadela real de Dido,⁷ uma verdadeira poética filosófica. Sempre que estou diante de uma alma humana, contemplo as primícias de um espírito com um pequeno estremecimento de respeito; e que não imaginei ou compreendi mal a maneira com que o espírito surgiu na alma de Baumgarten é confirmado pelo prefácio e pelo escrito como um todo. Acredito que indico bem e com poucas palavras o seu caráter quando o denomino como *uma tentativa de transplantar a filosofia wolffiana para o solo de sua antiga amada de juventude, a poética*, ou de determinar os principais conceitos⁸ que pertencem ao poema com exatidão e rigor filosóficos.

Para essa finalidade, ele procura uma explicação filosófica para a poética, e com parcimônia filosófica toma da psicologia [*Seelenlehre*]⁹ os *conceitos* que contribuem para o poético. Depois dos conceitos, ele trata da *ordem*, e depois da *ordem*, da expressão poética, para em todos os lugares estabelecer conceitos firmes e, a partir de sua ideia principal de que “a poesia é um discurso sensível perfeito”,¹⁰ desenvolver os conceitos secundários [*Teilbegriffe*]. Esse ensaio foi a obra de um analista sagaz, que a partir do embrião de uma pequena explicação de três palavras: *oratio, sensitiva, perfecta*, fez surgir toda a essência da poesia, essa árvore tão magnífica e frutífera.

Sem entrar no mérito da verdade e do acabamento do seu conceito de poética, destaco apenas o seguinte: “dentre todas as explicações da poesia, que pretendem compreender a sua essência em um conceito, a baumgartiana é a que me parece *mais filosófica*”.¹¹

5 No original: “[...] ob sich nicht die Wolfische Poesie auch über die Dichtkunst ausbreiten ließe”. Não será esta a única vez que Herder chamará uma filosofia de poesia. A esse propósito, verificar: Herder, J. G. “Vom Erkennen und Empfinden der menschlichen Seele”. In *Schriften zur Philosophie, Literatur, Kunst und Altertum (1774-1787)*. Editado por Brummack, J. e Bollacher, M. Bonn: DKV, p. 329-64 [N. do T.].

6 As *Meditationes philosophicae de nonnullis ad poema pertinentibus* correspondem à dissertação de conclusão de graduação [*Dissertationschrift*] de Baumgarten (1735) [N. do T.].

7 Referência ao mito de Elissa, que, fugindo para a Mauritània depois do assassinato de seu esposo por Pigmalião, ganha toda a terra que pudesse abranger com uma peça de couro de boi. Cortando o couro em finas tiras, Elissa fundou a cidade de Cartago [N. do T.].

8 No alemão: “*Begriffe*”. Assim como para Baumgarten, também Herder entende que apresentar um *conceito* ou a *compreensão* de algo é a tarefa por excelência da filosofia, uma ciência estritamente racional [N. do T.].

9 “*Seelenlehre*”, literalmente: doutrina da alma, é desde Wolff a tradução para o latino *psychologia* [N. do T.].

10 *Meditationes philosophicae de nonnullis ad poema pertinentibus*, § 7 [N. do T.].

11 Não foi possível localizar a origem da citação [N. do T.].

Como isso? Porque ela consiste de palavras artificiais obscuras e bárbaras, como diriam os nossos amáveis latinistas? Porque as palavras *oratio*, *sensitiva* e *perfecta* são as mais indeterminadas e que demandam as maiores explicações? Ou porque elas foram transcritas da escola de Wolff, de cuja mão tudo recebe imediatamente o selo da filosofia? Por nenhum desses motivos! E sim porque essa explicação *me conduziu mais profundamente na alma* e me permitiu, por assim dizer, deduzir a essência da poesia da natureza do espírito humano; em segundo lugar, porque *com essas poucas palavras se faz alusão ao máximo* que se pode ver até o fundamento da poética; além disso, porque ela *garante* a melhor perspectiva sobre toda a filosofia do belo, e reúne a poesia com as suas irmãs nas belas-artes; por fim, porque ela *deixa o menor espaço para o abuso na prática da poesia*.

1.

A explicação baumgartiana da poesia foi criada a partir da psicologia [*Seelenlehre*] e, portanto, fornece também a maior ocasião de remontar a poética à sua mãe e amiga, a alma humana. No espírito do homem – eis a grande intuição de Baumgarten –, na alma deve poder ser reconhecido e localizado com precisão um âmbito de propriedade da poesia. Nele devem residir as forças que produziram inicialmente a poesia e as forças que a poesia novamente mantém ocupadas. Partamos então para essas regiões obscuras, para trazer notícias como que de uma caverna encantada sobre onde mora essa deusa.

Segundo a linguagem de Wolff, esse é o âmbito das faculdades inferiores, das representações sensíveis, dos conceitos *extensivamente claros*:¹² e com uma sagacidade própria Baumgarten partiu através desses campos de resto tão enevoados, para descobrir na sensibilidade, na imaginação, no engenho [*Witz*], na faculdade de compor poeticamente, no juízo, na faculdade de designar, na sensação e na paixão tudo o que era poético.¹³ Nesse ponto, a sua doutrina da alma [*Seelenlehre*] tem uma importância que só pode ser reconhecida por aquele que sabe estimar as descobertas no espírito humano e, a esse respeito, percebeu as lacunas dos sistemas de psicologia [*psychologischen Systeme*] anteriores. As faculdades superiores da alma, por fim, podem ser ensinadas por diversas psicologias [*Psychologien*] e lógicas, porque nelas tudo se reduz a conceitos pouco confusos: ideia, proposição e inferência; mas como tudo estava desarrumado na sensibilidade de minha alma, na fantasia e no gosto, na sensação e na paixão! E se toda a minha sensação do belo e do bom se encontra justamente nesse fundo obscuro, então, de acordo com o seu conhecimento da alma, que venha um *Montaigne*, um *Rousseau*, um *Locke*, um *Home*,¹⁴ para me explicar a psicologia baumgartiana e torná-la mais completa. Como eu me animaria se um Platão, um Sócrates de nossa época, pleno de experiências do espírito humano, quisesse me ensinar com a mesma precisão com que Baumgarten determinou essa região da alma.

Há muito os princípios de *Aristóteles* e de *Batteux*¹⁵ não têm mais essa riqueza psicológica: eles dizem respeito mais ao simples objeto do que à pessoa viva que atua sobre tal objeto, e portanto dizem respeito menos àquele que atua do que ao efeito em separado. Mesmo na mão de um Aristóteles e Batteux esses princípios não puderam alcançar toda a fertilidade que deveria ter o princípio supremo da poesia e das belas-artes. E não são dignos de menção os miseráveis filósofos que atribuem a essência da poesia ao verso, à rima, à harmonia. Mas há um sábio na poesia depois de Baumgarten? –

12 Rigorosamente de acordo com a filosofia leibniziana, em que a clareza do conhecimento se aplica não só a conteúdos racionais, mas também sensíveis, Baumgarten afirma nas *Meditationes* que é uma característica do conhecimento sensível ser *extensivamente* claro, em contraposição ao conhecimento racional e analítico, *intensivamente* claro [N. do T.].

13 Herder cita aqui algumas das faculdades inferiores do conhecimento que compõem o capítulo da “*Psychologia Empirica*” da *Metafísica* de Baumgarten: *sensus* (§ 534), *phantasia* (§ 557), *facultas fingendi* (§ 589), *ingenium* (§ 572), *iudicium* (§ 606), *facultas characteristic* (§ 619) e *voluptas et taedium* (§ 655) [N. do T.].

14 Henry Home (1696-1782), filósofo escocês, também conhecido como Lord Kames [N. do T.].

15 Charles Batteux (1713-1780), filósofo francês, autor de *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio* [*Les Beaux-Arts réduits à un même principe*], de 1746, em que defende a imitação como princípio da arte [N. do T.].

Segundo as suas partes sensíveis, isto é, segundo as suas partes mais eficientes e vivas, Baumgarten concebe a alma humana como um gigantesco oceano, que mesmo em períodos de tranquilidade surge pleno de vagas a tocar o céu: é aqui que vos coloco, ó filósofo da sensação, como que sobre um alto rochedo entre as ondas. Olhai para o abismo obscuro da alma humana, onde as percepções do animal se tornam as percepções de um homem, e por assim dizer de longe se misturam à alma; olhai para o abismo dos pensamentos *obscuros*, dos quais se erguem depois impulsos e afetos, prazer e desprazer! Ponde a sensação da beleza em seu lugar, entre o anjo e o animal, entre a perfeição do infinito e o prazer dos sentidos da besta, a qual observa [o mundo] como uma planta. Sois vós que podeis enumerar, medir e pesar um pensamento e uma sensação; então estabelecei a riqueza, a sublimidade e a dignidade de um conhecimento humano. Sois capazes de separar o brilho do sol de um pensamento do de uma percepção, então separai aquela representação prenhe, enérgica que atua sobre a minha alma ora com a luz mais intensa ora mais ampla e a isolai da luz indecisa do discurso. Se conheceis as oficinas dos meus espíritos vitais, então mostrai a mim o espírito da beleza que se impele em minhas veias, preenche o meu coração, ergue o meu peito e, no lugar da convicção e da razão e da verdade, tem uma longa duração para mim. Mostrai a mim o caminho de como as percepções de meus sentidos se tornam imagens de minha alma e de como a minha imaginação verte enlevo em minhas veias e de como, justamente nesse momento, levanta-se uma névoa diante de minha razão. Dai vida a essas imagens da poesia que criam sonhos tão grandiosos e doces para a minha alma, que me iludem com afetos e mundos que, num encantamento, me deslocam para outras naturezas e sensações: vede! isso se encontra no âmbito sensível de minha alma!

Criai para mim a poesia, tal como Prometeu criou a natureza humana: e conduzi-me ao mundo dos objetos, que preenchem a minha alma com semelhante luz e força. Mostrai-me a violência que cada um dos objetos, exemplos, ilustrações, semelhanças e composições poéticas exerce sobre mim, para que eu aprenda a olhar, amar e admirar. Proponde-me seguir os meios e os instrumentos de como posso, na linguagem e na expressão, excitar e suavizar a alma de modo tão resoluto, fundi-la, iluminá-la e enlevá-la em doce alegria ou dor. Fazei isso, ó filósofo da sensação, e eu vos reverenciarei como o meu mestre do gosto. Tereis o poder de tornar agudo o meu discernimento e de refinar o meu engenho [*Witz*], de testar meu juízo do entendimento sensível e de torná-lo apto a inferências corretas; e tudo isso porque falais a partir de minha alma e me ensinai no interior de minha alma. Sois filósofo da beleza, da sensação e da poética, pois tendes palavras de onipotência.

Suponho que por meio desse escrito falo com homens que têm a mesma sensibilidade em relação à humanidade que eu; e qual filosofia, meu leitor, te será mais agradável: aquela que erra pelo mundo e se esquece de si mesma ou a amiga da tua natureza e – para tomar de empréstimo as palavras de um britânico¹⁶ – a filosofia caseira de teu coração? Será mais aprazível para ti como teoria da ciência do belo¹⁷ aquela que souber chamar para fora os teus sentimentos e rivalizar com o teu coração em um diálogo contigo mesmo – e tudo o que te mostrar, ela tomou de ti mesmo. Ter diante dos olhos tão-somente o *objeto* é fatigante; ele requer uma visão unilateral para fora e que o olho inflexível não deixe de atentar para nenhum lado, para nenhuma refração da luz; ele se destina apenas ao leitor que se lança para o mero saber com furor de conquista e não para aqueles que não colocam tudo tanto no *saber*, mas no *investigar*,

16 A expressão *Hausphilosophie* [*Home-Philosophy*] é do Conde de Shaftesbury e se encontra no parágrafo final do primeiro volume do seu escrito *Characteristics of Men, Manners, Opinions, Times*, de 1737: “TO CONCLUDE: The only Method which can justly qualify us for this high Privilege of giving Advice, is, in the first place, to receive it, our-selves, with due Submission; where the *Publick* has [364] vouchsaf’d to give it us, by Authority. And if in our private Capacity, we can have Resolution enough to criticize ourselves, and call in question our high Imaginations, florid Desires, and specious Sentiments, according to the manner of Soliloquy above prescrib’d; we shall, by the natural course of things, as we grow wiser, prove less conceited; and introduce into our Character that *Modesty*, *Condescension*, and just *Humanity* which is essential to the Success of all friendly *Counsel* and *Admonition*. An honest *Home-Philosophy* must teach us the wholesome Practice within our-selves. Polite *Reading*, and *Converse* with Mankind of the better sort, will qualify us for what remains” [N. do T.].

17 “Ciência do belo” é um dos sinônimos dados por Baumgarten à estética [N. do T.].

no *aprender*. Aqueles que não se prendem a nada e não se atêm a nenhuma proposição só porque chegaram a se apossar dela não lerão nada com mais prazer do que a sua própria alma. Se nessas experiências sobressaem sensibilidades, que se tornam distintas para eles, então não lhes importa como essas experiências podem ser dispostas no edifício de uma doutrina ou como cada um dessas sensibilidades se adequará a este ou aquele objeto; eles estão satisfeitos com a investigação de si mesmos e dão maior importância à filosofia subjetiva que à objetiva.

Concedamos – o que contudo não pode ser concedido – que o princípio de *Aristóteles* e de *Batteux* seja igualmente verdadeiro e completo, ele não é tão cômodo e tão humano quanto o princípio baumgartiano, pois é excelente aquele que nos introduz nos mistérios mais profundos de nossa alma e com cada regra da beleza nos ensina a realizar uma descoberta na doutrina da alma [*Seelenlehre*]. Para ele vale o elogio de nosso Moses Mendelssohn:

Se o filósofo segue os rastros das sensações [*Empfindungen*] em seu caminho obscuro, então devem-se abrir para ele novas perspectivas na alma, que ele de outro modo jamais teria descoberto por meio de inferências racionais e experiências. A alma humana é tão inesgotável quanto a natureza; a mera reflexão não pode penetrar em tudo que chega a ela e a experiência cotidiana raramente é decisiva. Os momentos felizes em que surpreendemos a natureza jamais escapam de nós mais facilmente do que quando queremos observar a nós mesmos; e quando esses momentos se apresentam, então a alma está por demasiado ocupada com os seus propósitos externos para que seja capaz de perceber o que se passa nela mesma. Portanto, devemos analisar cuidadosamente os fenômenos em que os mecanismos de nossa alma se encontram na maior movimentação e confrontá-los com a teoria, para lançar uma nova luz sobre ela e expandir os seus limites por meio de novas descobertas. Mas em quais fenômenos os mecanismos da alma humana estão em maior movimento do que nos efeitos das belas-artes?¹⁸

E se nestas belas-artes o princípio superior não deve nos chamar a atenção para nada a não ser justamente para esses mecanismos e sensações da alma, qual é melhor? É justamente esse princípio que devemos agradecer às *Cartas sobre as sensações*, à *Teoria das sensações*¹⁹ e a certos percursos psicológicos a que conduz a estética baumgartiana. Resulta disso que o princípio: *imite a natureza!*, tomado isoladamente, me conduz na maioria das vezes a considerações estéreis; contudo, o princípio: *persiga a perfeição sensível*, concentra como que todos os raios de luz da natureza em minha alma, e isso não é outra coisa senão a aplicação daquele oráculo: ó indivíduo, aprende a conhecer-te a ti mesmo!

2.

Se o melhor princípio é aquele que diz o máximo com pouco, então o princípio baumgartiano se encontra no andar mais alto e ele é o anfiteatro de toda a arte e ciência do belo. Com verdadeira alegria li a tentativa de Baumgarten de derivar a poesia, em suas propriedades mais significativas, destas três palavras, e isso de modo tão natural e bem-sucedido, que com esta explicação acreditei estar de posse de um tesouro. E o tesouro me pareceu ainda mais certo quando encontrei em *Moses Mendelssohn* os princípios fundamentais de todas as belas-artes e ciências desenvolvidos a partir de uma proposição tão simples. Assim como a pedra preciosa mais admirável fica magnífica em um caixilho delicado, assim também um princípio pleno de pensamentos e perspectivas, cujas palavras foram pesadas com mão espartana.

18 Mendelssohn, Moses. “Considerações sobre as fontes e as relações das belas-artes e ciências [*Betrachtungen über die Quellen und die Verbindungen der schönen Künste und Wissenschaften*]”. In *Bibliothek der schönen Wissenschaften und der freyen Künste*, Volume 1, Caderno 2. Leipzig, 1757, p. 231.

19 Herder se refere às *Briefe über die Empfindungen* de Moses Mendelssohn, publicadas em 1755.

Que sempre é mais difícil indicar muito com pouco do que dizer nada com muito mostram as explicações muitas vezes prolixas de nossos recentes filósofos, os quais se escondem atrás da quantidade de palavras, como que atrás de folhas de figueira, e aparentemente estão de posse do sentido: se não acertam um, com certeza acertarão o outro. Atrás dessas folhas de figueira se encontra efetivamente a nudez, e se retirarmos as palavras supérfluas uma depois da outra, então por fim não restará nada, a não ser o termo que precisava ser explicado. É o que ocorre muitas vezes, por exemplo, com as explicações da filosofia de *Basedow*,²⁰ particularmente na sua explicação da poética; também com a explicação de *Schlegel*²¹ e de muitos franceses: eles se perdem num amontoado de palavras, as quais muitas vezes estão fora de lugar.

A esse respeito raramente houve uma mente mais bem-sucedida que a de Baumgarten, a qual, como ele, fosse capaz de refletir cuidadosamente sobre os conceitos secundários de uma ideia principal, isolá-los mais adequadamente e expressá-los da maneira mais pertinente. Os seus compêndios de filosofia são em seus prognósticos por assim dizer inteiramente espírito, espírito que tomou apenas tanta matéria quanto era necessário para se tornar visível; e eu conheço poucos que tiveram êxito em desenhar, com um único traço, como que em um monograma, o conceito mais intrincado em toda a sua grandeza e verdade. Poder-se-ia acreditar que a sua faculdade de designar foi ponderada apenas tanto quanto era necessário para a exatidão. Nesse ponto, Baumgarten tem um tal domínio de seu idioma bárbaro, do seu latim moderno, da terminologia escolástica, que até mesmo eu, ainda que tenha diante de mim a tradução alemã de sua *Metafísica*, realizada pelo grande tradutor Meier,²² prefiro o seu latim. Mesmo que as suas expressões fossem completamente *quasimodogenita*,²³ tão logo superei a montanha e compreendi a ele e seu Wolff – que planície de pensamentos e explicações se abriram diante de mim!

Isso vale também para o seu *discurso sensível*: sempre bárbaro, mas também tão prenhe de pensamentos, que, em suma, não desejo no seu lugar nenhuma outra palavra, nenhuma modificação na redação. É preciso saber se orientar nos lugares mais recônditos da terminologia wolffiana, ainda que seja necessário pôr limites à sua expressão; não gostaria de me confundir no que diz respeito ao seu conteúdo interior. [Manuscrito ilegível.] Sem dúvida, se para nós importasse apenas a terminologia bárbara, que se impõe por meio de classificações escolásticas e da estrutura rígida do estilo dos parágrafos; mas como isso? Porventura tantos séculos, nações, mentalidades e línguas diferentes agora unidos não encontraram novos pontos de vista para intuições mais nítidas das coisas? Não olharam mais profundamente na alma humana? Não avançaram na meta de observações mais universais? Não tiraram, ao menos, obstáculos antigos do caminho? Não deveríamos, depois de muitos passos em falso, ter seguido com mais segurança na via do método, depois de tantos equívocos, chegado a muitas verdades e, diante de novos fenômenos, obtido novas descobertas? Na parte especulativa da filosofia, particularmente na psicologia [*Seelenlehre*] e no edifício das ciências, não deveria haver algo de nosso? E se não concordamos com nada disso, a cultura filosófica de nossa época não é de todo mais elevada, como se poderia demonstrar dezenas de vezes? Então golpearei a tudo com isso com a minha espada –

A cultura filosófica de nossa época é *diferente*. Ela cresceu do emaranhado de outros conhecimentos e foi criada em conjunto com outras ciências; foi considerada a partir de outros pontos de vista e construída sobre outros princípios; ela pode ser usada com outros recursos e instrumentos, dirige-se a outras finalidades, em suma, foi formada de acordo com uma outra época e mentalidade. – Quem nega isso, fala como um exilado da época do bom entendimento. Assim, posso passar rápida e abruptamente para a conclusão de que também é necessário ler os gregos tal como em sua época, em um templo que pertence ao nosso

20 Johann Bernhard Basedow (1724-1790), importante filantropo e pedagogo alemão [N. do T.].

21 Johann Adolf Schlegel (1721-1793), poeta e pastor alemão. Publicou em 1770 uma tradução para o alemão de *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio*, de Batteux, à qual acrescentou comentários e ideias próprias [N. do T.].

22 A edição latina da *Metaphysica* de Baumgarten foi publicada pela primeira vez em 1739 em Halle. Em 1766, Georg Friedrich Meier, aluno e posteriormente biógrafo de Baumgarten, verteu parcialmente a obra para o alemão [N. do T.].

23 Em latim no original: “como crianças recém-nascidas” [N. do T.].

século e ao Éon²⁴ de nossa mentalidade. Na verdade, me encontro diante do bom gosto como que diante do altar de Ísis, que ali estava, está e continuará a estar; também ela aparece em diversas formas e em diversos cultos religiosos. Assim também, para usar as palavras de *Quintiliano*, a *voluptas* do belo gosto é sempre a mesma: em eruditos e não eruditos, em todos os povos e épocas; mas tanto mais a *ratio artis, quam docti intelligunt*²⁵ recebe uma forma própria de acordo com a mentalidade de um povo, de um século, de um idioma, de um poeta nacional [*Hauptschriftsteller*] e por meio do concurso de inúmeras circunstâncias secundárias, caminhos modificados conduzem a outros objetivos: e outras refrações da luz fornecem outras colorações à ciência do gosto. Portanto, que se leve de nossa época a tocha da crítica para quando estivermos entre os gregos ou, se se preferir, que se desviem rios caudalosos da Grécia para purificar a nossa estética e torná-la frutífera.

Ela se *purificará* por meio da simplicidade dos gregos: pois assim como *Baumgarten* conferiu, para nós, forma a ela, sem dúvida ela se encontra, em todos os lugares, envolta pela terminologia escolar latina. Como na formação erudita há muito tempo vigora o costume de imergir as jovens almas no estudo do idioma, antes mesmo que elas sejam capazes de relacionar por si mesmas os conceitos às palavras – um aspecto que, segundo um conhecido provérbio, se conserva por muito tempo em um novo e delicado vaso²⁶ –, a maneira de pensar de Baumgarten aparentemente se formou segundo tal forma erudita de idioma. E desse modo também esteve pronto o molde para a estética, antes que o conteúdo existisse: os termos prediletos da Escola de Wolff, as suas classificações e fórmulas mágicas já estavam tensos como fios entretecidos na roca, e assim foram tecidos os conceitos do belo: o *Thesaurus* de Gesner²⁷ forneceu flores para isso e, com isso, a tessitura estava feita. Uma tessitura excelente segundo a matéria e a espécie da arte: obra saída das mãos de um mestre em filosofia, e ainda não houve nenhuma obra que a tentasse consumir, como aquela pintura *Apeles* que permaneceu inacabada após a morte de seu autor: o original de uma *estética segundo a maneira de Baumgarten*, que nenhum de seus discípulos conseguiu alcançar.²⁸

Por que necessariamente uma estética segundo a maneira baumgartiana, se seria melhor uma estética segundo a maneira grega? Se é uma prerrogativa dos gregos, como disse Lessing, não ter tratado nenhuma questão em demasia ou com falta, então isso vale também para a filosofia dos gregos. E é em geral necessário que deixemos de entrar em algumas estradas já pavimentadas, para de preferência passearmos pelos caminhos floridos e frutíferos dos antigos; e em que caminho queremos nos meter senão no da filosofia do belo?

Que seja! A estética de Baumgarten reconduzida à simplicidade e moderação ensinada por *Aristóteles* e *Longino*: com isso, sem dúvida, ela teria perdido em visões e introduções supérfluas, mas também ganhado em essência e beleza: sim, ganhado tudo o que falta a ela.

Como se sabe, o seu primeiro erro é de concluir tudo demasiadamente *a priori* e como que do ar, e, portanto, também se perder na atmosfera de proposições universais, as quais muitas vezes são demasiado amplas para poderem ser preenchidas com singularidades, muitas vezes demasiado caprichosas para se adaptarem ao que quer que seja. Quem poderia nos fazer descer desse éter de sutileza senão a musa grega: pois era justamente essa a diferença entre filosofia e sofistaria, filosofia que julgava como que sobre coisas existentes, sempre irmã da experiência e, desse modo, quase sempre irmã da utilidade e da verdade. Assim, ou os juízos de Sócrates permaneciam inteiramente terrenos, para onde os chamou das

24 O Éon é, segundo o neoplatonismo, o ente que estabelece a ponte entre a divindade e o mundo sensível [N. do T.].

25 Em latim no original: “*a norma da arte que o douto compreende*” [N. do T.].

26 Referência a Horácio, *Epístolas*, II 69-70: *O melhor vinho estraga impuro vaso* [*Quo semel est inbuta recens, servabit odorem / testadiu*]. Aqui na tradução de Elpino Duriense et al. (Horácio, *Obras completas*. São Paulo: Edições Cultura, 1941) [N. do T.].

27 Johann Matthias Gesner (1691-1761), pedagogo e filólogo. A obra em questão é *Thesaurus eruditionis scholasticae*, de 1751 [N. do T.].

28 Projetada inicialmente para ser composta de três partes, a *Aesthetica* de Baumgarten permaneceu incompleta. Em 1750 e 1758 vieram a lume dois volumes, mas eles tratam apenas da *Heurística*. Do projeto original de Baumgarten ficaram por fazer a *Metodologia* e a *Semiótica* [N. do T.].

alturas; ou, inclusive no vôo espiritual de Platão, ao menos permaneciam dentro do horizonte de olhos saudáveis, quero dizer, na esfera da observação. Eles se mantêm próximos, portanto, inclusive das tão difundidas regras de Aristóteles no que diz respeito aos dados individuais, das quais foram colhidas como uma flor, e também a sua poética contém... regras. Mas que filósofo recém-criado ficará satisfeito com regras, em apenas inferir a partir delas, e quem depois de tantas inferências ainda quererá ficar no mundo? Inteiramente além do horizonte de olhos saudáveis, além da esfera de observações singulares, sim, muitas vezes além da utilidade e verdade – eis o impulso violento da abstração recente, que constantemente atravessa o vazio para cair de novo no chão. Não deveria haver exemplos disso também na *Estética* de Baumgarten? Que excesso de palavras artificiais, explicações de nomes, etimologias e sutilezas escolásticas desapareceriam se houvesse uma mão grega que tudo visse e selecionasse na peneira da utilidade e verdade! Quantas vezes se veem chegar teoremas fundamentais do alto, para os quais primeiro se deveria procurar lugar na Terra!

Ela pode ser o que quiser; mas o que o seu nome diz, ela não é: *estética*, uma teoria da sensibilidade. Sensibilidade grega, sensação, sensação interior do belo não é bem a fonte primeira a partir de onde cria; é antes a especulação. E onde a especulação deveria ainda se aproximar do oceano da alma humana (Baumgarten não chegou tão longe em seu plano), onde ela extravasa em psicologia, ali ela nada em sua direção sobre a sensação do belo, lisa como óleo. Assim é o Titarésio de Homero, “que sem mesclar-se no Peneu deságua / de vórtices de argento e pulcra a veia / como óleo sobrenada”.²⁹ Com a minha indução, não quero nada menos que transformar uma filosofia baumgartiana feita de princípios em sofismas de St. Mard³⁰ realizados a partir de sensações; pois não desejo uma estética francesa, e sim grega. Ela buscaria tudo nas profundezas de nossa sensibilidade, criaria a partir da sensação e extrairia do criado um espírito magnífico; ela filosofaria na alma humana tal como um nadador que apenas parcialmente está na água. Os *Princípios da crítica* de Home³¹ (e eles merecem mais o nome de estética do que toda a obra de Baumgarten) ampliados pela psicologia dos alemães e então reconduzidos ao *povo* – que foi aquele que mais permaneceu fiel em seus dogmas do belo à sensação da natureza, seja na arte ou na ciência –, *helenizados* segundo a sensação da natureza: isso sim seria estética!

29 Homero, *Ilíada* (Str. 441). Aqui na tradução de Odorico Mendes [N. do T.].

30 Rémond de Saint-Mard (1682-1757), autor de um suposto *Examen philosophique de la poésie en général* [N. do T.].

31 *Elements of Criticism*, de 1762 [N. do T.].